

Itinerário 3 – Percurso do Centro Histórico

O itinerário proposto sobrepõe-se inicialmente com o percurso da Ribeira da Carpinteira, entre o Núcleo da Real Fábrica de Panos do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior e o cruzamento da Rua Marquês d'Ávila e Bolama com a Rua do Peso da Lã.

Subindo por esta, a toponímia reporta-nos para o local onde se pesava e se pagava a respetiva taxa do concelho, do qual hoje não existem quaisquer evidências de campo. Chega-se à Rua Visconde da Coriscada e ao centro cívico da cidade. Na proximidade do Largo 5 de Outubro, no atual edifício Millennium BCP localizou-se o armazém de lãs da firma Ernesto Cruz, cuja fábrica se localizava no sítio do Sineiro. Na Rua Comendador Mendes Veiga, em memória do ilustre industrial, localiza-se atualmente a sede do Sporting Clube da Covilhã no edifício que foi casa de habitação de Francisco Henriques da Cruz e um importante armazém de lanifícios da firma Cruz & Cunhado. O imóvel é constituído por 3 pisos, com cobertura em telha marselha, varandas em ferro, frisos decorativos em granito ao longo de todo o alçado e nas várias aberturas da fachada.

Rapidamente se chega à Praça do Município, também designada por Pelourinho. Centro da vida da cidade durante séculos, aqui se situavam os Paços do Concelho, a Casa da Cadeia, e mais tarde, transformados no edifício da Câmara Municipal. Seguindo pela Rua Ruy Faleiro, que nos remete para um dos mais notáveis cosmógrafos da época dos Descobrimentos, depara-se um grandioso edifício, com os números de polícia 27 e 29, que alojou uma delegação do Banco de Portugal. O imóvel de 3 pisos, com brasão de Portugal encimado pela esfera armilar, foi construído em 1925 e reflete a importância económico-financeira da cidade na época.

Do lado direito da Rua Ruy Faleiro, dever-se-á cortar para a Rua Azedo Gnéco, onde se situa o edifício, recentemente recuperado, sede do Sindicato dos Trabalhadores do sector Têxtil da Beira Baixa. A fachada principal mantém a estrutura original em alvenaria de granito, de 2 pisos e sistema de construção tradicional. Repare-se no painel de azulejos, no alçado lateral, produzido pelos alunos da Escola Secundária Campos Melo, com motivos alusivos à indústria têxtil através dos tempos. Continue-se através da Viela do Raimundo. Chega-se à Travessa de Santa Marinha, lugar afamado pelas tecelagens que aí existiram ao longo do século XIX. Percorra-se o emaranhado de ruelas apertadas e, junto à Casa do Benfica, repare-se numa pequena habitação, de 1 piso, com o número de polícia 51, com apenas uma porta na fachada principal e telhado de uma só água, onde terá nascido o Beato Francisco Álvares, que foi cardador e missionário, martirizado em 1570 a bordo da Nau Santiago que se deslocava para o Brasil.

No largo, encontram-se o edifício da antiga firma de tecelagem João Borges Terenas, construído em alvenaria de pedra e sistema tradicional misto, composto de 4 pisos com fenestração regular, atualmente ocupado pela empresa Farcentro. Logo de seguida, ao contornar a Rua Sebastião Julião, apresentam-se os edifícios das firmas Gregório Baltazar e João Carapito Donas. A primeira era uma fábrica de tinturaria, tecelagem e fiação que laborou nos finais do século XIX, tendo depois tido outras ocupações. O conjunto era composto por vários edifícios de produção, com sistema de construção tradicional, uma oficina de apoio, uma área residencial e um estendedouro. Sob uma das entradas ainda se encontra a inscrição “1 de Maio de 1898 G.[regório] B[altazar].” O edifício da firma de tecelagem João Carapito Donas laborou desde o século XIX, tendo estado em atividade, com outras empresas, até 1998.

Foi recentemente demolido, sendo apenas visível parte do alçado lateral, contíguo à Rua Gregório Geraldes.

Já na Rua Gregório Geraldes, cruze-se à esquerda, para a Rua Dr. Oliveira Monteiro, para chegar à Rua Pedro Álvares Cabral. No início da rua, do lado direito, situa-se o edifício onde laborou a tecelagem de Vitorino Duarte Moreno, sob os números de polícia 2 e 4. O conjunto data de 1928 e de 1939, possuindo 4 pisos, fenestração regular, caixilharia em ferro, colunas e embasamento em alvenaria de granito. Desde a década de 30 até aos anos 60, laborou neste edifício a empresa Lanifícios Santa Cruz, de Aníbal Pereira Nina. Acima deste edifício, situa-se um outro imóvel que pertenceu à tecelagem de João Fernandes Moço, datado de 1928.

Seguindo adiante, encontra-se, do lado esquerdo, o antigo Lactário criado por Ranito Baltazar, onde atualmente funciona o Centro de Diagnóstico da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã, mantendo-se em bom estado de conservação. Mesmo em frente, localiza-se a residência apalaçada da família Rato, também ligada ao desenvolvimento da indústria de lanifícios. À esquerda, situam-se as Escadas do Castelo e o Estendedouro de Lãs do Castelo, infraestrutura datada provavelmente do século XVI, constituída por um conjunto de lajes de granito dispostas em topografia irregular, orientadas para Sul e destinada à secagem da lã. Ao subir as escadas, no edifício atualmente em ruína, do qual subsiste apenas um alçado com duas entradas, datado da primeira metade do século XIX, laborou a tecelagem de Januário da Costa Rato, a quem pertenceu o estendedouro de lãs.

Ao cimo das Escadas do Castelo, contemple-se, para nascente, a vastidão da paisagem, observando-se a Cova da Beira e a Serra da Gardunha. Na Rua do Castelo, no flanco esquerdo, no edifício com os números de polícia 1 e 3, instalou-se a firma de tecelagem Peixeiro & Irmão, atualmente remodelado e adaptado a área habitacional, mantendo contudo a volumetria inicial. Do lado direito e contornando a rua, observa-se o complexo fabril que pertenceu a Manuel Mendes da Cunha, também conhecida por “Fábrica do Castelo”, tendo sido adquirido e ampliado pela firma Francisco Rodrigues Pintassilgo. De datação desconhecida, esta empresa de tinturaria e tecelagem, que laborou durante o século XIX, era composta por 2 edifícios de produção, casas de habitação de operários e do proprietário e depósito de água, tendo esta estrutura pertencido primitivamente ao castelo. Deixou de laborar já nos anos 90 do século XX, com a firma António José Matos, após ter sofrido um incêndio que destruiu parcialmente o edifício.

Chega-se, seguidamente, ao Largo do Calvário onde se situa a Capela de Santa Cruz e onde se pode observar um pano de muralhas do castelo. A construção deste templo remonta ao século XVI por iniciativa do Infante D. Luís. Do lado direito, junto à estrada, situava-se a fábrica de José António Pereira Espiga, empresa de fiação e tecelagem do século XIX. Do conjunto, permanece o edifício construído nos anos 80 do século XX, cujo sistema de construção é moderno e hoje se encontra adaptado a área habitacional.

Em seguida, descendo pela Rua Capitão João de Almeida, depare-se, do lado direito, com o imóvel que foi edificado pela firma José Monteiro Grilo e que, em 2000-2002 foi adaptado a Centro Comunitário de Apoio ao Idoso da Associação Mutualista Covilhanense, mantendo a estrutura inicial. Composta inicialmente por dois edifícios de produção, casas de habitação e habitação do proprietário, o edifício de 4 pisos, fenestração regular, sistema tradicional misto, foi alvo de intervenção e ampliação em 1954. Continuando em descida acentuada, para a direita, em direção à Rua da Saudade, local onde laboraram algumas empresas de lanifícios, sendo atualmente uma área residencial. Destacam-se as antigas firmas de tecelagem de

Manuel Anaquim, mais tarde João Roque do Nascimento; de cardação, fiação, tecelagem e mungos de Manuel Pereira Nina (1924), no tramo final da rua; e a fundada no século XIX e que foi sede da firma de Santos Pinto, Irmãos, empresa de cardação, fiação, tecelagem, penteação e recuperação de matérias-primas. Do lado esquerdo da Rua Capitão João de Almeida, situava-se a antiga firma Francisco Ribeiro Aibéo, em edifício de 3 pisos de construção moderna, datado de 1936, tendo deixado de laborar no início dos anos 90 do século XX. O acesso à entrada principal do imóvel é feito pelo Largo de N. Sr.^a do Rosário. Um portão em ferro de 3 folhas, decorado com motivos vegetalistas, ladeado por pilares em pedra, estilo art-déco, permite-nos a entrada. É de notar que uma das suas paredes se encontra adossada a um troço da muralha medieval da cidade. Este imóvel constitui um dos primeiros da Covilhã a utilizar a técnica do betão. Atualmente, em parte dele encontra-se instalada a Associação Comercial e Industrial da Covilhã.

A partir da Rua Comendador Gomes Correia cruze-se, à esquerda, para a Rua D. Cristóvão de Castro. O terceiro edifício, do lado esquerdo, alojou o fabrico de tecelagem de Francisco Mendes Alçada/ Neves & Fazendeiro. Constituído por um edifício em alvenaria de pedra com fenestração regular, sistema de construção tradicional, possuía, no interior, colunas e vigamentos em madeira assentes em cachorros em betão, que se encontram adoçados ao troço de muralha medieval. Desça-se, seguidamente, pelas Escadas da Boavista. Ao fundo da escadaria, do lado direito, sob os números de polícia 19 e 21, situa-se o edifício que foi tecelagem de Prudêncio da Costa Solano, construído em 1932 aproveitando a primitiva construção onde laborou José Nunes Jacinto no século XIX, nele também laboraram as firmas Cristiano Cabral Nunes (1941 – 79) e Complexo Industrial de Lanifícios, CIL, (depois de 1979). Um dos edifícios, datado de 1955, foi intervencionado e adaptado a cantina e refeitório dos Serviços de Ação Social da UBI, designado de Cantina da Boavista. Do lado esquerdo, no século XIX, se instalou a firma José Dias d'Assumpção, com as atividades de fiação e tecelagem. Constituído inicialmente por apenas um edifício que veio a ser ampliado, e após um incêndio, entrou em ruína.

Seguidamente, descendo pela Rua Pedro Alves, corte-se à esquerda para a Rua dos Namorados que dá acesso à Rua Conselheiro Santos Viegas. Aí, sob o número de polícia 38, onde atualmente funciona o Centro Cultural e Desportivo Oriental de S. Martinho, laborou a empresa de António Carlos Craveiro, no século XIX. Continue-se pela esquerda até aceder à Rua Conselheiro António Pedroso dos Santos. Repare-se no painel de azulejos, de construção moderna, alusivo à indústria de lanifícios e à simbologia da cidade, retratando os cursos de água, os tecidos e as chaminés das fábricas. Observe-se a toponímia, nomeadamente a Travessa do Tinte, onde se localizou um antigo tinte, num edifício que ainda hoje conserva um conjunto de colunas e capitéis românico-góticos, de motivos vegetalistas, datados provavelmente do século XIV / XV. O acesso é feito por um portão de ferro, também com motivos vegetalistas, com as iniciais “AP” (António Presunto). Este tinte deu origem ao nome da rua, inserido no casco urbano medieval.

Continuando na descida, repare-se nas ruas apertadas e sinuosas, nas travessas adaptadas à topografia irregular, até se chegar à Calçada de S. Martinho, que dá acesso à Rua Marquês d'Ávila e Bolama. Encontramo-nos novamente à entrada do Núcleo da Real Fábrica de Panos do Museu de lanifícios da Universidade da Beira Interior, onde termina o percurso.